

A relação da morte com o aspecto ético da seriedade segundo Kierkegaard

The relationship of death with the ethical aspect
of seriousness according to Kierkegaard

Cássio Robson Alves da Silva
Universidade Federal do Ceará
cassioalvesdasilva13@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5538503705126882>

Resumo

O que é apresentado neste artigo leva em consideração a análise da seriedade enquanto categoria ética. Abordaremos como o filósofo Kierkegaard (1813-1855) expõe a existência humana concreta às exigências subjetivas e como estas afirmam a vida do indivíduo enquanto força necessária diante da possibilidade da morte. Com a combinação predominante de dois textos – o discurso edificante *Sobre uma tumba* (1845) e o *Pós-Escrito não científico às Migalhas Filosóficas* (1846) – buscaremos mostrar como tais concepções abrem um horizonte de sentido frente aos desafios éticos do indivíduo.

Palavras-chave

Kierkegaard; Seriedade; Ético; Morte.

Abstract

What is presented in this article takes into account the analysis of seriousness as an ethical category. We will approach how the philosopher Kierkegaard (1813-1855) exposes concrete human existence to subjective demands and how these affirm the life of the individual as a necessary force in the face of the possibility of death. With the predominant combination of two texts - the edifying discourse *At a Graveside* (1845) and the *Concluding Unscientific Postscript to Philosophical Fragments* (1846) - we will try to show how such conceptions open a horizon of meaning in the face of the ethical challenges.

Keywords

Kierkegaard; Seriousness; Ethical; Death.

1. Introdução

Abriremos nossa análise com uma afirmação de Kierkegaard e esta justificará nossa escolha pelo tema: “seriedade é querer o ético” (Kierkegaard, 2013, p.143). Mas antes de mostrarmos que a seriedade é um dos aspectos mais importantes da autenticidade ética, é necessário observar atentamente um detalhe que não pode passar despercebido: a etimologia da palavra autenticidade (*ægthed*). O significado ordinário dessa palavra nos fornece o sentido de pureza e de genuinidade, o que não abarca ainda aquilo que Kierkegaard quer transmitir no contexto ético, cuja condição deve ser posta pela via negativa – autenticidade enquanto qualidade de não ser corrompido, adulterado, extraviado (*uforfalske*), pelo “estrangulamento sistemático da existência” (Kierkegaard, 2013, p. 263).

Analisaremos o tema da seriedade a partir da relação com a morte e, atendendo a recomendação feita pelo próprio autor (Kierkegaard, 1986), intercalaremos dois importantes textos, a saber, o já citado *Pós-escrito às Migalhas filosóficas* e *Os discursos edificantes - Sobre uma Tumba* (1845). Nosso empreendimento retomará, ainda que brevemente, contrapontos com a

filosofia de Hegel (representando o homem profundo), porque sua concepção de história – como lugar do indivíduo no mundo –, por mais que não se aproxime da concepção de Kierkegaard, engloba uma tendência moderna no modo de ver o espaço histórico.

As inversões empreendidas por Kierkegaard situam-se na postura diante da morte como um nada que não deve ser levado a sério. Essa opção, todavia, não é irrefletida, pois se, por um lado, ignora a morte como algo evanescente, por outro, encontra no encontro consigo a credencial para seguir adiante em vida. Inicialmente, ao falarmos dessa morte concreta, podemos ainda percebê-la segundo Kierkegaard enquanto construto. Isto é, sua possibilidade de efetivação pode projetar-se como retrospecto, como olhar para a contundência da vida e, assim, desembocaremos na seriedade, tarefa sem a qual a autenticidade não encontraria seu nascedouro. Para Hegel, por exemplo, não é assim, pois, pelo contrário, levando a morte a sério, a concepção moderna requer pensar o tempo como história (individual e coletiva) quando cada minuto tem sua máxima importância (Politis, 2002).

2. O aspecto ético da seriedade e sua relação com a morte

Mais do que uma contraposição no que concerne ao conceito de história moderno, a relação com a morte sinaliza um importante aspecto elucidativo para entendermos porque a seriedade é o ético e por que, diante da postulada inessencialidade da história, algo surge como alternativa essencial. O que se vê é um desmembramento da concepção de história moderna, afinal, em primeiro lugar, não é a morte (*Død*) um construto determinante para o indivíduo recorrer à história como sendo algo essencial; em segundo lugar, compreender que tudo termina só deve reforçar o quanto compreender a si mesmo é crucial na tomada de posição ética. O olhar para si mesmo é a premissa básica para interpretarmos o alcance prático das ações no ponto de vista da seriedade.

Se aquele que o pensa deste modo também explica a história do mundo, pode talvez ser esplêndido o que ele diz da história do mundo, mas o que ele diz sobre a morte é bobagem. Se a morte é sempre certa, se sou mortal: então isso significa que essa incerteza não pode ser entendida de um modo geral, se eu também não for um tipo assim de ser humano geral (Kierkegaard, 2013, p. 174).

Essa abordagem especulativa da história enfraquece o indivíduo de sua condição de existente, a ponto de, aquele que defende a especulação, aliás, o próprio especulante, ser considerado por Kierkegaard como o homem profundo cuja ideia da morte o induz à impotência, de modo que sucumbe penosamente ao seu estado de ânimo. Podemos ir mais além e dizer que, com a explicação idílica, o homem profundo não chega sequer a meditar, porém apenas premedita genericamente aquilo que ainda não é (Kierkegaard, 2010a):

A seriedade [...] compreende que tudo termina. [...] A seriedade não perde muito tempo adivinhando enigmas, não se encontra absorta na meditação, não parafraseia as expressões, não lhe preocupa a engenhosidade da linguagem figurada, não discursa, apenas atua. Se é certo que a morte existe, como é o caso; se é certo que tudo termina com sua decisão; se é certo que a morte nunca consente em dar uma explicação: então se trata de compreender-se a si mesmo, e a compreensão da seriedade é que, se a morte é noite, então a vida é o dia, e não se pode trabalhar de noite, dado que se deve trabalhar de dia; e o breve, porém impulsionador chamado da seriedade, bem como o breve chamado da morte é: eu mesmo (Kierkegaard, 2010a, p. 451).¹

¹ A tradução desta e das demais citações diretas de *Discursos edificantes* (Kierkegaard, 2010a) é nossa (tradução livre).

Ao homem sério cumpre, por sua vez, apresentar-se diante do ímpeto da vida através de suas ações, afinal a relação do ético com a morte aparece apenas de modo virtual enquanto ao indivíduo resta somente o pensamento da morte, pois o que é sério não é a morte e sim o pensamento da morte. Kierkegaard, com suas intermitências filosóficas, afasta-se dessa condição faustiana – no sentido de almejar um ponto de chegada (a totalidade) exitoso da inteligência humana em seus projetos e sistemas – para, assim, não desprezar nenhuma tarefa por demasiada humilde que seja (Kierkegaard, 2010a). O homem sério não vacila na distração do pensamento. Ao reiterar a necessidade de se encontrar conceitualmente, depara-se perdido diante da tarefa ética de inverter a relação do indivíduo – por meio da seriedade – com a morte para daí surgir a força retroativa da vida. A ênfase nessa diferença é feita, pois, queremos evitar o possível mal entendido de que o homem sério não pode pensar a morte. Seria um equívoco, dado que Kierkegaard critica tal postura e ainda o faz levando em consideração que aquele que pensa a morte fora absorvido por este pensamento, isto é, lhe sobrou profundidade, mas lhe faltou seriedade para compreender que muito pode se ganhar em vida já que nada se perdeu com a morte.

Entendida a sutil diferença entre o homem profundo e o homem sério, passamos por mais uma etapa metodológica importante usada em nossa análise. Por conseguinte, defendemos a chegada à seriedade cuja função ética reúne momentaneamente categorias do tornar-se indivíduo para uma melhor compreensão de si mesmo, a começar pela relação com a morte: aquilo que, porventura, pode impedir/findar essas experiências psicológicas tanto do ponto de vista da vivência, bem como do ponto de vista do observador (psicológico). Talvez o homem profundo reivindique esta seriedade, pois consegue, com o rigor científico, formular equacionamentos para buscar entender as contradições da vida e ainda postular resoluções. Contudo, questiona Kierkegaard (2010a), ainda que uma vida como essa (do homem profundo) recorresse a todos os estados de ânimos possíveis ao pensar a estranheza da morte, por acaso essa mesma observação é seriedade? Kierkegaard mostra que as características do homem profundo sucumbem ao seu estado de ânimo (*Stemming*),² e por esta razão o induz à impotência e à necessidade de renegar tal estado em detrimento de uma aridez existencial, de um aparato sistemático, científico. Vimos que é plausível ao homem profundo requerer a seriedade, porém a mesma força que lhe direciona dialeticamente para tal rigor é a mesma que lhe faz incorrer na perplexidade de uma presunção tão séria, a saber, o resultado totalizante. Numa palavra, a seriedade do homem profundo em relação à morte tem sua realidade na indiferença em relação à vida (Kierkegaard, 2010a).

É certo que a morte é um estranho enigma, porém a seriedade pode determina-la. A que se deve essa confusão da irreflexão, senão ao fato de que o indivíduo sai à vida a observar, que quer ter uma visão de conjunto de toda a existência, desse jogo de forças que só Deus nos céus pode observar facilmente, porque ele, em sua providência, o domina com certa e onipresente circunspeção, mas que debilita o espírito do homem e o faz perder o sentido, que o ocasiona intempestiva pena e o fortalece com um lamentável consolo? Intempestiva, com efeito, é a pena no estado ânimo, porque se inquieta com várias coisas; lamentável, com efeito, é o consolo nesta tensa indolência, quando sua observação tem tantas entradas e saídas que acaba sendo perplexidade (Kierkegaard, 2010a, p. 460).

Do ponto vista abstrato, a morte é arbitrária e é posta ao homem como etapa intermediária, como enigma que, além de ser explicado, visa conciliar a relação do indivíduo

² Uma forte ligação terminológica faz dessa expressão, comumente utilizada na tradução espanhola, uma chave importante para entendermos como, daqui em diante, essa palavra será empregada para transmitir a noção de atmosfera. No dinamarquês *Stemming* quer dizer a atmosfera na qual o indivíduo está situado enquanto existente e o transparecer disso – dessa tonalidade afetiva, estado de espírito ou mesmo estado de ânimo – mostra-se pelo *sendo* (tornar-se) do indivíduo, em muitos dos casos no padecimento (*pathos*) diante da vida (na história) e sua faceta ética.

com o gênero humano através do pressuposto lógico de que a espécie será perpetuada. O negativo que deve ser pressuposto para superar as possíveis contradições. Portanto, não é demasiado prolixo retornarmos ao tema da morte que serviu para introduzir o tema no que diz respeito ao fim abstrato de uma consciência provisória em contraponto às manifestações primárias da subjetividade, importantes como etapas constituintes do espírito para que o indivíduo compreenda que ele é ele mesmo (finito) e o gênero humano (infinito) (Kierkegaard, 2010b).

Provamos, pelo menos parcialmente, que esses momentos são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo – suspenso na especulação até que tudo se resolva – e não podem ser suprimidos a guisa de um movimento abstrato. Todavia, não trataremos da morte como etapa abstrata, a não ser para corresponder inversamente ao modo como a morte aqui será chamada: morte física. Os dois modos se correspondem quando da adesão consciente da finitude humana, porém ambos se desvinculam enquanto etapa qualitativa e concreta da vida. Enquanto um pode parecer o refinamento da experiência da consciência em sua dialética, o segundo pode ser a saída antecipada para a superação concreta da angústia, da infelicidade, da melancolia e da falta de sentido em continuar a viver.

Porém, não é assim que ocorre em Kierkegaard, pois a morte, num sentido quase epicurista, não oferece a seriedade (*alvor*) ética necessária enquanto engajamento existencial. O que não se evidencia à primeira vista é que a palavra *alvor* guarda também outro significado: o de gravidade circunstanciada, ou seja, estado de coisas no qual residem potencialmente desencadeamentos de séria relevância na vida de cada indivíduo. Visto que a seriedade pode ser traduzida eticamente pela decisão de viver e de ser um existente, a decisão pela certeza da morte poderia se apresentar através da explicabilidade da morte, de modo que esta se expressaria pelo poder retroativo sobre a vida. Segundo Kierkegaard, uma tal elucidação denuncia uma vida que se defende da influência da morte mediante um estado de ânimo que mantém o equilíbrio da indecisão. Deste modo, o máximo que a explicação da morte faz é conduzir o indivíduo à preocupação, justamente pelo seu caráter de imaginária certeza (Kierkegaard, 2010a).

A apropriação dessa inferência de que a morte pode ser explicada gera uma ocupação, aliás, uma preocupação (*Bekymring*). Quando o indivíduo se liberta de tal relação é aí que a visão acerca de si mesmo torna-se mais transparente, isto é, mais séria. Uma breve análise dessa categoria da preocupação deixa a categoria da seriedade mais transparente. Ora, se rechaçamos essa preocupação com a morte alegando ser esta uma carga existencial desnecessária que impede o indivíduo de olhar para sua unidade primitiva, somente nos resta dizer que esse olhar distante para o futuro (da morte de si) não garante a olhadela decisiva (*Øieblik*) para seu si mesmo no presente, isto é, para sua vida. Um estudo recente indica, em linhas gerais, que se trata de algo pontual, ou seja, da preocupação com a morte e que nenhum acontecimento pode captar totalmente o sujeito, precisamente porque todo e qualquer acontecimento está dado na relação com totalidade e que, por isso, ele nunca é. Tal relação liberta, assim, o sujeito da escravidão ao instante (Ferro, 2012).

A busca por uma explicação dirige-nos para aquela identidade entre o sujeito e o objeto do pensamento, porém já rompida, uma vez que o indivíduo deixa de se pensar enquanto objeto. O que confunde, portanto, é que, quando se tem a certeza da morte e quando se decide por ela de maneira geral, a preocupação distrai o indivíduo existente de sua própria vida. Todavia, a morte não tem o poder de perturbar a vida, pois está ocupada em fazer surgir o poder retroativo da vida considerando que suas explicações são mais plenas de conteúdo, dado que a morte não explica nada precisamente pela sua inexplicabilidade, isto é, pela caminhada progressiva a uma certeza evanescente (Kierkegaard, 2010a). Essa caminhada objetiva encerra-

se com a morte e a única garantia é o êxito da observação que permitiu tal homem se colocar fora de si mesmo. Aos poucos Kierkegaard vai se desfazendo do pensamento da morte como algo objetivo e vai lançando um olhar para si mesmo como tentativa de erguer a seriedade ao seu caráter ético, pois se “tornar-se subjetivo é a tarefa, então, para o sujeito individual, o pensar-sobre-a-morte não é, de modo algum, uma tal coisa geral, mas sim uma ação” (Kierkegaard, 2013, p. 177).

O fato de essa objetividade compreender, através do pensamento, a morte como condição humana, muitas vezes determinante para seu estado de espírito, autoriza Kierkegaard a desprezar sua importância? Obviamente, não, pois assim ele incorreria no equívoco irreparável e não abarcaria a força retroativa da vida a qual não dispõe nem a objetividade do pensamento da morte e nem a imanência da vida defendida por Epicuro ao dizer que não se deve temer a morte, pois quando ela está eu não estou e, quando eu estou, ela é que não está (Kierkegaard, 2010a). Entretanto, as concessões dadas nesse processo é que são, para Kierkegaard, redimensionadas no âmbito do tornar-se indivíduo quando, em sua relação com a morte, ou melhor, com a vida em sua seriedade, o indivíduo abre caminho para sua autenticidade. Isso justifica nossa escolha por este assunto e, além disso, retoma os empreendimentos para a apreensão da verdade nos seus mais variados processos. A opção por este vetor é apresentada por Kierkegaard na citação seguinte:

A reflexão subjetiva volta-se o olhar para dentro, em direção à subjetividade, e quer, nessa interiorização, ser a [reflexão] da verdade, e assim, tal como no que vimos antes, quando a objetividade avançava, a subjetividade desapareceria, agora a própria torna-se o derradeiro, e o que é objetivo, o evanescente. Aqui não se esquece, nem por um instante, que o sujeito é existente, e que o existir é um vir-a-ser, e que por isso aquela identidade, própria da verdade, de pensar e ser é, portanto, uma quimera da abstração e, em verdade, apenas um anseio de criação, não porque a verdade não seja uma identidade, mas porque aquele que conhece é um existente, e então, a verdade não pode ser uma identidade para ele, enquanto existir (Kierkegaard, 2013, p. 207).

Não permaneceremos nessa querela da identidade entre pensar e ser. Nosso escopo é caminhar para o fim da discussão com a noção de seriedade bem desenvolvida como categoria que pode ser colocada enquanto aspecto subjetivo. Ora, conheceremos melhor alguns dos aspectos do tornar-se indivíduo e, filosoficamente, o colocaremos revestimento ético da existência humana. Desse modo, fica claro que não se trata de um procedimento definitivo até que se preserve a vida como aprofundamento de si mesmo. Apesar disso, podemos extrair da citação acima uma notável observação que nos alerta para a mudança de posição a todo o momento empreendida por Kierkegaard quando ele diz que o subjetivo agora é o derradeiro. Isso indica o lugar para o qual a verdade deve encaminhar-se. Mas em outra passagem vemos que a relação entre pensar e ser é consideravelmente invertida para caracterizar o engendramento da seriedade e sua importância ética e o quão esse procedimento é simples, embora seu desenvolvimento seja complexo: “primeiro, portanto, o ético, o tornar-se subjetivo, depois o histórico-universal. [...] No fundo, mesmo uma pessoa mais objetiva está em seu foro interior de acordo com o que aqui foi exposto, que o sábio deva compreender o mesmo que o simples compreende” (Kierkegaard, 2013, p. 166).

Não se trata de uma tarefa fácil para o existente. Desse modo, Kierkegaard lança mão de um exemplo que, muitas vezes, além de impedir que algo monumental se desenvolva e se chegue ao histórico universal, faz com que o indivíduo não reconheça que tornar-se subjetivo é a mais alta tarefa humana. O que não se vê de imediato é que essa mesma simplicidade carrega consigo uma dificuldade que está no tratamento de temas dessa natureza (morte, finitude) e,

não obstante sejam trabalhados brevemente, não são nobres subterfúgios para serem desprezados, ao contrário, deixam a discussão mais coesa quando se trata de impedir a obliteração da tarefa ética. Discorremos até aqui sobre um deles: o morrer (Kierkegaard, 2013).

Dessa maneira, ainda recorrendo ao escrito de 1846, encontramos o exemplo do “morrer” para aperfeiçoar a concepção de seriedade, pois a simplicidade, ao tratar tal assunto, surge pela via da afirmação da vida. Por sua vez, o eixo da complexidade garante a seriedade diante do ímpeto de tal afirmação e, sobretudo, não distrai, pela incerteza da morte, cada um de sua tarefa ética para com sua própria existência. Nesse sentido, a engenhosidade da explicação impede que a seriedade venha à tona através da ação de viver, pois se ocupa e tem o mote da incerteza da morte. No nível subjetivo, o do tornar-se indivíduo, que é por onde começa todo enunciado, a questão da incerteza da morte se inscreve sem muita dificuldade, ou seja, não amedronta, tanto é que a tarefa da vida rechaça qualquer começo que, porventura, venha desviar a atenção para outra coisa que não seja a seriedade.

Contudo, no instante em que a questão se expressa a cada momento planejando protelar a decisão de viver até que se tenha chegado dialeticamente a uma concepção geral do morrer, sabe-se que a vida é um contínuo devir. Quando se encerra esse fluir, algo se projeta para justificar essa parada, no entanto, afirma o filósofo dinamarquês, o nobilíssimo devoto da história do mundo não pode, contudo, negar-me uma resposta à questão sobre o que é morrer, e, no mesmo momento em que ele responder, a dialética iniciará (Kierkegaard, 2013). Isso significa dizer que a incerteza da morte aparece como penetração dialética para hipostasiar a história do mundo e “o que ele [homem profundo, do sistema] diz sobre a morte é bobagem” (Kierkegaard, 2013, p. 174). Com efeito, “o meu morrer não é uma coisa geral; eu não sou, de jeito nenhum, para mim, uma tal coisa em geral”; continua: “se a tarefa consiste em tornar-se subjetivo, então todo sujeito torna-se, para si mesmo, exatamente o oposto de uma tal coisa em geral” (Kierkegaard, 2013, p. 174). Kierkegaard quer evitar que a igualdade seja deduzida genericamente impedindo, assim, que a indeterminação do indivíduo elevada a gênero humano não substitua, por meio da diversidade de indivíduos em suas relações, a decisão da vida pela decisão da morte.

Quando o espírito, cansado da diversidade que continua e continua e nunca se acaba, se escamoteia sobre si mesmo e acumula a ira no desafio da impotência, pois não é capaz de interromper a força vital da diversidade: então deve ser tranquilizador pensar que a morte tem esse poder, então essa ideia deve provocar o entusiasmo da aniquilação até formar uma brasa em que haja uma vida mais elevada (Kierkegaard, 2010a, p. 454).

Caso o indivíduo não se sinta amparado pela igualdade, algo deve surgir como desencadeamento necessário que não seja apenas a decepcionante diversidade: o que há de intrasferível em cada indivíduo, a subjetividade. Por igualdade entende-se a relação abrangente que enuncia que a morte está para todos, bem como a assimilação do histórico-universal que reúne as potências individuais numa única instância da qual participam todos os indivíduos. Outra instância, a lei, poderia ser colocada como substancialidade ética, cuja equidade apenas implicaria um *telos* abstrato para onde caminharia o indivíduo. Com efeito, o que é comum nessas estruturas é a decepção do homem decorrente de sua insuficiência ao saber que os limites das experiências abstratas não coadunam com os predicados da existência humana.

Seria displicência de nossa parte compreender que, se o indivíduo não encontra repouso na instância do gênero humano (da história universal) e tampouco na objetividade da lei, o que surge é apenas uma decepção, pois “o que chego a ver tem de corresponder a essa coisa abstrata, [...] enquanto que o ético, pelo contrário, está voltado para a individualidade” (Kierkegaard, 2013, p. 161). Portanto, como corolário desse procedimento advém uma

incumbência trágica. Constatado que a fragilidade humana pode levar o indivíduo ao seu aniquilamento, algo deve qualificar a ação ética para a confirmação da existência e não para efetivação de uma estrutura abstrata. Sabe-se que a resignação absoluta apenas deslocaria o problema para uma instância hermética e correríamos o risco patente de cair num subjetivismo evasivo. Por essa razão, Kierkegaard diz que “em relação à realidade efetiva, a ação é o *pathos* supremo” (2016, p. 107).

Na verdade, Kierkegaard trata de combater a morte como sendo a superação dessa impotência e ao travar esse confronto ele busca atenuar o trabalho da melancolia cujo covarde prazer é querer desvanecer-se no vazio e, com isto, buscar nesse desvanecimento a última distração (Kierkegaard, 2010a). Percebe-se que o *pathos* não se traduz “quando o indivíduo rejeita a si mesmo para salvar algo grande, mas quando indivíduo desiste de tudo para salvar a si mesmo” (Kierkegaard, 2016, p. 108). O indivíduo é convidado a se reelaborar, seja pela expressão ética (seriedade), seja pela possível expressão religiosa. Esta última compartilha do drama histórico-universal encontrado no tratamento especulativo na medida em que a eternidade (continuidade do gênero humano) é a instância cômoda aspirada pelo homem profundo como lugar divino:

A história do mundo é o palco real para Deus, onde ele, não por acaso de modo essencial, é o único espectador, porque ele é o único que o pode ser. Para esse teatro o acesso não está aberto a nenhum espírito existente. Se alguém tem a pretensão de ser espectador ali, simplesmente esquece que ele próprio deve ser ator nesse pequeno teatro (Kierkegaard, 2013, p. 164).

Aliás, embora este não seja nosso objetivo, essa é uma bifurcação (expressão ética e expressão religiosa) apenas metodológica, uma vez que o movimento da ação não vem preparar o indivíduo para uma felicidade eterna, própria do cristianismo, mas para demonstrar que “a seriedade é certeza da interioridade” (Kierkegaard, 2010b, p. 153). Isso impede que indivíduo encontre fora de si mesmo a explicação para a tarefa ética do viver. Como observa Kierkegaard, “a explicação ventila outros nomes para morte, pois requer-se uma palavra liberadora, que elucide seu enigma, e uma palavra vinculante, com a qual o vivente se proteja contra a representação contínua da morte” (Kierkegaard, 2013, p. 176): “uma passagem, uma transformação, um sofrimento, salário do pecado” (Kierkegaard, 2010a, p. 465). Nesse sentido, Kierkegaard realça a seriedade correspondendo-a diretamente ao pecado, pois é quando o indivíduo, não obstante não se despoje do hábito da finitude, ao invés de encontrar na morte seu fim, vê na sua interioridade o aspecto ético para preservar a vida mesmo em suas contradições.

Devemos entender, portanto, a seriedade da seguinte maneira: independentemente do nome que se dê à morte, sabe-se que, para superar esse temor ou esse tremor, convém reestabelecer o olhar para a vida que se perdeu na distração do pensamento ou na busca por uma felicidade eterna. Em uma palavra, a seriedade caracteriza-se pela obstinação ética do indivíduo e esta não pode ser entendida como simples resignação. Para Julia Watkin (1990), se Kierkegaard concebe esta morte como abnegação da vida, é, num único sentido: “quando se pretende ter uma relação absoluta com o absoluto. Todavia, essa relação se esvai quando não se sabe precisamente qual a exigência preponderante para que isso se efetive” (Watkin, 1990, p. 73). Não é, contudo, o objetivo da seriedade colocar a possibilidade dessa expressão religiosa como algo inexorável e, portanto, como necessária. Ao contrário, em Kierkegaard a expressão religiosa encontra-se subordinada ao problema da morte (e da finitude), pois tem como condição de possibilidade o entusiasmo ético do indivíduo diante da vida.

Kierkegaard almeja com isso prevenir que o indivíduo possa ser absorvido por essa instância religiosa em detrimento de uma análise meramente abstrata, pois diferentemente de afirmar que o “reino dos céus é um reino em meio a todos os outros da terra”, buscando cidadania no religioso, “a seriedade aprofunda-se no existir, penetra toda ilusão com a consciência do existir, e se torna cada vez mais concreto ao transformar a existência pela ação” (Kierkegaard, 2016, p. 107, 148). Embora o cristianismo se precipite como uma “saída desesperada” (Kierkegaard, 2013, p. 110), não há como superar o problema da morte invocando uma evolução teleológica. Para tanto, a expressão religiosa surge apenas como contraste qualitativo e o indivíduo dela prescinde entendendo-a apenas como possibilidade diante do agir ético. O valor dessa assertiva encontra-se, por um lado pela relação imprecisa com a morte quando Kierkegaard reforça que estando sua incerteza presente a cada momento, essa incerteza só pode ser vencida no ato de vencê-la a cada momento; por outro lado, é na subjetividade que a importância ética da seriedade se coloca como certeza. Desse modo, a seriedade da vida se inscreve na indiferença do indivíduo com relação à morte.

Decerto, vale ressaltar, a vida eterna prevista pelo cristianismo é apenas um correlato da morte e não corresponde à vida assumida pela seriedade do indivíduo em seu *pathos*. Ora, ao invés de ser conduzido ao viático anunciado pelo discurso religioso cristão, o indivíduo vê, no *pathos* da escolha da vida, o qualitativo da existência a partir de suas intermitências subjetivas (sofrimento, angústia). Kierkegaard não pretende desaboná-las, pois o enfrentamento ético do indivíduo deve se confundir com seu interesse pela vida e, conseqüentemente, com sua indiferença em relação à morte. Isso impede, em termos finais, que a nebulosa incerteza da morte ocupe lugar na existência humana antes mesmo de se realizar enquanto tal. Inversamente, não há seriedade sem que se compreenda o caráter ético da decisão pela vida.

3. Considerações finais

Por fim, o chamado da seriedade parte de cada indivíduo: é quando ele renuncia o perigo iminente da morte para daí possibilitar a reelaboração de si mesmo. As reverberações dessa tomada de posição existencial têm força o suficiente para ajudar o indivíduo tanto em sua condição interior subjetiva, bem como em sua situação e relação com os demais indivíduos. Numa sociedade dinamarquesa influenciada diretamente pelo cristianismo, a postura de Kierkegaard e seus escritos contribuíram muito para um embate que apenas sinalizamos como sendo a continuidade dessa postura. É provavelmente por isso que Kierkegaard não desemboca num hermetismo, ou até mesmo numa misantropia – como muitos podem atestá-lo como idiossincrático romântico ao lerem apenas os escritos de juventude –, mas encontra nessas categorias a força para dialogar com a tradição. Nesse sentido, se não tem condições para uma vocação social de alcance político, pelo menos consegue organizar subjetivamente as manifestações iniciais da existência mediante sua psicologia experimental. Para tanto, indivíduo é o epicentro dos meandros identificados ao longo do itinerário ético traçado nesse artigo. Vale ressaltar que a noção ética decorrente da filosofia de Kierkegaard não sanciona as ações, nem entrega o indivíduo existente a algo de externo como se este algo fosse interno ou, mais ainda, entrega aos fatores fortuitos da vida. No *Pós-escrito* (1846) podemos encontrar uma passagem que mostra para onde caminha o ético e reforça que a tarefa de olhar acuradamente para si mesmo é intransferível, pois devemos conduzir seriamente nossa própria existência: “para estudar o ético todo ser humano é reportado a si mesmo. Ele próprio é, nessa questão, mais do que suficiente para si mesmo. Mais ainda, o sério é sua própria vida interior” (Kierkegaard, 2013, p. 145 e 147).

Referências

- FERRO, N. *Estudos sobre Kierkegaard*. São Paulo: LiberArs, 2012.
- KIERKEGAARD, S. *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986.
- KIERKEGAARD, S. *Discursos edificantes: tres discursos para ocasiones supuestas*. Tradução de Darío González. Madrid: Trotta Editorial, 2010. (2010a)
- KIERKEGAARD, S. *O conceito de Angústia*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis; Bragança Paulista: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2010. (2010b)
- KIERKEGAARD, S. *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*, vol. I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis; Bragança Paulista: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2013.
- KIERKEGAARD, S. *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*, vol. II. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis; Bragança Paulista: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2016.
- POLITIS, H. *Le concept de philosophie constamment rapporté à Kierkegaard*. Paris: Éditions Kimé, 2009.
- WATKIN, J. Kierkegaard's view of death. *History of European Ideas*, v. 12, n. 1, p. 65-78, 1990.